

## **Roteiro de Atividades**

**2º ciclo do 2º bimestre do 9º ano**

**PALAVRAS-CHAVE:** conto; figuras de linguagem; narrador; discurso direto e indireto.

### **TEXTO GERADOR I**

O primeiro Texto Gerador é um fragmento do conto de um dos grandes autores de nossa literatura: Machado de Assis. O texto trata de personagens num dia de escola. Ele foi escrito há muito tempo e podemos fazer algumas comparações e observar as diferenças com os dias atuais.

#### **Conto de Escola**

de Machado de Assis

A Escola era na Rua do Costa, um sobradinho de grade de pau. O ano era de 1840. Naquele dia — uma segunda-feira, do mês de maio — deixei-me estar alguns instantes na Rua da Princesa a ver onde iria brincar a manhã. Hesitava entre o morro de S. Diogo e o Campo de Sant'Ana, que não era então esse parque atual, construção de gentleman, mas um espaço rústico, mais ou menos infinito, alastrado de lavadeiras, capim e burros soltos. Morro ou campo? Tal era o problema. De repente disse comigo que o melhor era a escola. E guiei para a escola. Aqui vai a razão.

Na semana anterior tinha feito dous suetos, e, descoberto o caso, recebi o pagamento das mãos de meu pai, que me deu uma sova de vara de marmeleiro. As sovas de meu pai doíam por muito tempo. Era um velho empregado do Arsenal de Guerra, ríspido e intolerante. Sonhava para mim uma grande posição comercial, e tinha ânsia de me ver com os elementos mercantis, ler, escrever e contar, para me meter de caixeiro. Citava-me nomes de capitalistas que tinham começado ao balcão. Ora, foi a lembrança do último castigo que me levou naquela manhã para o colégio. Não era um menino de virtudes.

Subi a escada com cautela, para não ser ouvido do mestre, e cheguei a tempo; ele entrou na sala três ou quatro minutos depois. Entrou com o andar manso do costume, em chinelas de cordovão, com a jaqueta de brim lavada e desbotada, calça branca e tesa e grande colarinho caído. Chamava-se Policarpo e tinha perto de cinquenta anos ou mais. Uma vez sentado, extraiu da jaqueta a boceta de rapé e o lenço vermelho, pô-los na gaveta; depois relanceou os olhos pela sala. Os meninos, que se conservaram de pé durante a entrada dele, tornaram a sentar-se. Tudo estava em ordem; começaram os trabalhos.

— Seu Pilar, eu preciso falar com você, disse-me baixinho o filho do mestre.

Chamava-se Raimundo este pequeno, e era mole, aplicado, inteligência tarda. Raimundo gastava duas horas em reter aquilo que a outros levava apenas trinta ou cinquenta minutos; vencida com o tempo o que não podia fazer logo com o cérebro. Reunia a isso um grande medo ao pai. Era uma criança fina, pálida, cara doente; raramente estava alegre. Entrava na escola depois do pai e retirava-se antes. O mestre era mais severo com ele do que conosco.

— O que é que você quer?

— Logo, respondeu ele com voz trêmula.

Começou a lição de escrita. Custa-me dizer que eu era dos mais adiantados da escola; mas era. Não digo também que era dos mais inteligentes, por um escrúpulo fácil de entender e de excelente efeito no estilo, mas não tenho outra convicção. Note-se que

não era pálido nem mofo: tinha boas cores e músculos de ferro. Na lição de escrita, por exemplo, acabava sempre antes de todos, mas deixava-me estar a recortar narizes no papel ou na tábua, ocupação sem nobreza nem espiritualidade, mas em todo caso ingênua. Naquele dia foi a mesma coisa; tão depressa acabei, como entrei a reproduzir o nariz do mestre, dando-lhe cinco ou seis atitudes diferentes, das quais recorro a interrogativa, a admirativa, a dubitativa e a cogitativa. Não lhes punha esses nomes, pobre estudante de primeiras letras que era; mas, instintivamente, dava-lhes essas expressões. Os outros foram acabando; não tive remédio senão acabar também, entregar a escrita, e voltar para o meu lugar.

Com franqueza, estava arrependido de ter vindo. Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora, e recapitulava o campo e o morro, pensava nos outros meninos vadios, o Chico Telha, o Américo, o Carlos das Escadinhas, a fina flor do bairro e do gênero humano. Para cúmulo de desespero, vi através das vidraças da escola, no claro azul do céu, por cima do morro do Livramento, um papagaio de papel, alto e largo, preso de uma corda imensa, que bojava no ar, uma cousa soberba. E eu na escola, sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos.

— Fui um bobo em vir, disse eu ao Raimundo.

— Não diga isso, murmurou ele.

Olhei para ele; estava mais pálido. Então lembrou-me outra vez que queria pedir-me alguma coisa, e perguntei-lhe o que era. Raimundo estremeceu de novo, e, rápido, disse-me que esperasse um pouco; era uma coisa particular.

— Seu Pilar... murmurou ele daí a alguns minutos.

— Que é?

— Você...

— Você quê?

Ele deitou os olhos ao pai, e depois a alguns outros meninos. Um destes, o Curvelo, olhava para ele, desconfiado, e o Raimundo, notando-me essa circunstância, pediu alguns minutos mais de espera. Confesso que começava a arder de curiosidade. Olhei para o Curvelo, e vi que parecia atento; podia ser uma simples curiosidade vaga, natural indiscrição; mas podia ser também alguma coisa entre eles. Esse Curvelo era um pouco levado do diabo. Tinha onze anos, era mais velho que nós.

Que me queria o Raimundo? Continuei inquieto, remexendo-me muito, falando-lhe baixo, com instância, que me dissesse o que era, que ninguém cuidava dele nem de mim. Ou então, de tarde...

— De tarde, não, interrompeu-me ele; não pode ser de tarde.

— Então agora...

— Papai está olhando.

Na verdade, o mestre fitava-nos. Como era mais severo para o filho, buscava-o muitas vezes com os olhos, para trazê-lo mais aperreado. Mas nós também éramos finos; metemos o nariz no livro, e continuamos a ler. Afinal cansou e tomou as folhas do dia, três ou quatro, que ele lia devagar, mastigando as idéias e as paixões. Não esqueçam que estávamos então no fim da Regência, e que era grande a agitação pública. Policarpo tinha decerto algum partido, mas nunca pude averiguar esse ponto. O pior que ele podia ter, para nós, era a palmatória. E essa lá estava, pendurada do portal da janela, à direita, com os seus cinco olhos do diabo. Era só levantar a mão, despendurá-la e brandi-la, com a força do costume, que não era pouca. E daí, pode ser que alguma vez as paixões políticas dominassem nele a ponto de poupar-nos uma ou outra correção. Naquele dia, ao menos, pareceu-me que lia as folhas com muito interesse; levantava os olhos de quando em quando, ou tomava uma pitada, mas tornava logo aos jornais, e lia a valer.

No fim de algum tempo — dez ou doze minutos — Raimundo meteu a mão no

bolso das calças e olhou para mim. (...)

[www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br)

### Vocabulário

Gentleman – senhor em inglês  
Rústico – campestre  
Dous – dois na escrita antiga  
Suetto – folga  
Sova – surra  
Ríspido – intratável  
Cordovão – couro de cabra  
Tesa – esticada  
Boceta de rapé – caixinha de tabaco  
Tarda – lenta  
Escrúpulo – cuidado  
Mofino – doente  
Papagaio – pipa

Dubitativa – duvidosa  
Cogitativa – interrogativa  
Bojar – apresentar  
Cousa – coisa na escrita antiga  
Soberba – orgulhosa  
Fitar – olhar  
Aperreado – agoniado  
Palmatória – peça de madeira com a qual se castigavam crianças batendo-lhes na palma da mão  
Brandir – erguer

## LEITURA

### QUESTÃO 1

No ambiente escolar, é natural que os alunos encontrem alguns problemas, uns fáceis de serem resolvidos, outros nem tanto. No texto, qual é conflito enfrentado pelo personagem principal?

### RESPOSTA COMENTADA

Como a maioria dos alunos, Pilar não gostava de ir à escola, preferia antes brincar com seus amigos de pipa. Sendo assim, o aluno responderá que este é o conflito vivido pelo personagem principal: ir assistir à aula do professor Policarpo com suas leituras e gramáticas, contando ainda com o medo da sua palmatória como castigo ou brincar de papagaio?

Nesta atividade, podemos também traçar um paralelo com o ambiente escolar atual, observando como era o comportamento do aluno antigamente e quais eram as suas atividades preferidas.

*Habilidade trabalhada: Identificar os elementos do enredo: apresentação, complicação, clímax e desfecho.*

## TRECHO REMOVIDO

### USO DA LÍNGUA

### QUESTÃO 3

As figuras de linguagem referem-se à significação das palavras, que podem se distanciar de sua significação convencional. Utilizamos esses recursos para realçar o que queremos dizer ou mesmo para que nosso interlocutor tenha uma ideia mais clara daquilo que queremos comunicar. Explique qual foi a figura de linguagem utilizada na frase abaixo: “Afinal cansou e tomou as folhas do dia, três ou quatro, que ele lia devagar, mastigando as idéias e as paixões.”

### RESPOSTA COMENTADA

As figuras de linguagem são recursos linguísticos que o falante ou escritor utiliza para dar maior expressividade à sua mensagem. Identificar sua presença nos textos literários auxilia na compreensão e permite observar a beleza da linguagem e o significado simbólico das palavras e dos textos. Nesta frase, o autor utiliza o verbo mastigar no sentido figurado, ou seja, ele utiliza-o no lugar de pensar, imaginar, é como se ele pudesse assim “engolir” as suas ideias e paixões. Logo, ele faz uso da metáfora que é o mecanismo por meio do qual um termo é utilizado para substituir outro através de uma relação de semelhança resultante da subjetividade de quem o cria. O autor mostra que as ideias e as paixões devem ser mastigadas, saboreadas, já que são “deliciosas”, “prazerosas” e “apetitosas”, o sentido de comer está ligado ao paladar, logo você só mastiga, come o que lhe dá prazer. As ideias e as paixões são comparadas a alimentos que nos dão prazer e vontade de absorver.

*Habilidade trabalhada: Identificar a presença de figuras de palavra, pensamento e de sintaxe nos gêneros estudados.*

**TRECHO REMOVIDO**

## **TEXTO GERADOR II**

O Texto Gerador 2 é um conto de tradição africana retirado do livro “O príncipe medroso e outros contos africanos”. Desde sempre, os habitantes da África converteram a história em lenda e as anedotas em contos. A tradição oral do continente fez com que os contos e as lendas passassem de geração a geração, através dos séculos, sem serem escritos. Só no final do século XIX e início do XX é que se começou a recolher a mitologia e os contos da África sob a forma de livros. Mesmo hoje, contar contos nas praças dos povoados, nos pátios das casas ou embaixo de uma árvore numa escola rural ainda é uma atividade comum em muitos rincões do continente africano.

### **Os dois reis de Gondar**

(Etiópia)

Era um dia como os de outrora... e um pobre camponês, tão pobre que tinha apenas a pele sobre os ossos e três galinhas que ciscavam alguns grãos de **teff** que encontravam pela terra poeirenta, estava sentado na entrada da sua velha cabana como todo fim de tarde. De repente, viu chegar um caçador montado a cavalo. O caçador se aproximou, desmontou, cumprimentou-o e disse:

— Eu me perdi pela montanha e estou procurando o caminho que leva à cidade de Gondar.

— Gondar? Fica a dois dias daqui — respondeu o camponês. — O sol já está se pondo e seria mais sensato se você passasse a noite aqui e partisse de manhã cedo.

O camponês pegou uma das suas três galinhas, matou-a, cozinhou-a no fogão a lenha e preparou um bom jantar, que ofereceu ao caçador. Depois de comerem os dois juntos sem falar muito, o camponês ofereceu sua cama ao caçador e foi dormir no chão ao lado do fogo.

No dia seguinte bem cedo, quando o caçador acordou, o camponês explicou-lhe como teria que fazer para chegar a Gondar.

— Você tem que se enfiar no bosque até encontrar um rio, e deve atravessá-lo com seu cavalo com muito cuidado para não passar pela parte mais funda. Depois tem que seguir por um caminho à beira de um precipício até chegar a uma estrada mais larga...

O caçador, que ouvia com atenção, disse:

— Acho que vou me perder de novo. Não conheço esta região... Você me acompanharia até Gondar? Poderia montar no cavalo, na minha garupa.

— Está certo — disse o camponês —, mas com uma condição. Quando a gente chegar, gostaria de conhecer o rei, eu nunca o vi.

— Você irá vê-lo, prometo.

O camponês fechou a porta da sua cabana, montou na garupa do caçador e começaram o trajeto. Passaram horas e horas atravessando montanhas e bosques, e mais uma noite inteira. Quando iam por caminhos sem sombra, o camponês abria seu grande guarda-chuva preto, e os dois se protegiam do sol. E quando por fim viram a cidade de Gondar no horizonte, o camponês perguntou ao caçador:

— E como é que se reconhece um rei?

— Não se preocupe, é muito fácil: quando todo mundo faz a mesma coisa, o rei é aquele que faz outra, diferente. Observe bem as pessoas à sua volta e você o reconhecerá.

Pouco depois, os dois homens chegaram à cidade e o caçador tomou o caminho do palácio. Havia um monte de gente diante da porta, falando e contando histórias, até que, ao verem os dois homens a cavalo, se afastaram da porta e se ajoelharam à sua passagem. O camponês não entendia nada. Todos estavam ajoelhados, exceto ele e o caçador, que iam a cavalo.

— Onde será que está o rei? — perguntou o camponês. — Não o estou vendo!

— Agora vamos entrar no palácio e você o verá, garanto!

E os dois homens entraram a cavalo dentro do palácio. O camponês estava inquieto. De longe via uma fila de pessoas e de guardas também a cavalo que os esperavam na entrada. Quando passaram na frente deles, os guardas desmontaram e somente os dois continuaram em cima do cavalo. O camponês começou a ficar nervoso:

— Você me falou que quando todo mundo faz a mesma coisa... Mas onde está o rei?

— Paciência! Você já vai reconhecê-lo! É só lembrar que, quando todos fazem a mesma coisa, o rei faz outra.

Os dois homens desmontaram do cavalo e entraram numa sala imensa do palácio. Todos os nobres, os cortesãos e os conselheiros reais tiraram o chapéu ao vê-los. Todos estavam sem chapéu, exceto o caçador e o camponês, que tampouco entendia para que servia andar de chapéu dentro de um palácio. O camponês chegou perto do caçador e murmurou:

— Não o estou vendo!

— Não seja impaciente, você vai acabar reconhecendo-o! Venha sentar comigo.

E os dois homens se instalaram num grande sofá muito confortável. Todo mundo ficou em pé à sua volta. O camponês estava cada vez mais inquieto. Observou bem tudo o que via, aproximou-se do caçador e perguntou:

— Quem é o rei? Você ou eu?

O caçador começou a rir e disse:

— Eu sou o rei, mas você também é um rei, porque sabe acolher um estrangeiro!

E o caçador e o camponês ficaram amigos por muitos e muitos anos.

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

#### **Vocabulário**

Outrora – antigamente

Teff – cereal comum na Etiópia

## LEITURA

### QUESTÃO 5

Após ter lido o Texto Gerador 1 e o Texto Gerador 2, explique o foco narrativo em cada um dos textos, justificando com passagens deles.

#### RESPOSTA COMENTADA

A escolha do foco narrativo é muito importante para o desenvolvimento da história. O narrador é o elemento organizador de todos os outros componentes, responsável pela aproximação entre o que é narrado e o leitor do texto. Ele pode ser observador quando posiciona-se fora dos fatos narrados (discurso em 3ª pessoa) ou personagem quando atua como testemunha dos fatos narrados, podendo ser o protagonista da história (discurso em 1ª pessoa). Assim, o aluno responderá que o texto gerador 1 contém um narrador personagem, já que ele não só participa da história, como é o personagem principal; já no texto gerador 2, encontramos o narrador observador, pois ele está contando a história de dois personagens, em 3ª pessoa e não participa da história.

*Habilidade trabalhada: Identificar foco narrativo (narrador), espaço, tempo, personagens e conflito.*

## USO DA LÍNGUA

### QUESTÃO 6

No conto africano, encontramos o discurso direto. Agora, você irá transformar as falas abaixo no discurso indireto:

O caçador se aproximou, desmontou, cumprimentou-o e disse:

— Eu me perdi pela montanha e estou procurando o caminho que leva à cidade de Gondar.

#### RESPOSTA COMENTADA

O aluno pode observar que o envolvimento ou não das vozes das personagens no discurso do narrador determina que tipo de discurso foi utilizado: o direto ou o indireto. O discurso direto é a reprodução textual da fala das personagens, e o discurso indireto, a incorporação da fala das personagens à linguagem do narrador. No discurso direto, o narrador cede a fala à personagem e a reproduz integralmente, utilizando travessão ou aspas. Essa fala é, normalmente, acompanhada por um verbo de elocução, seguido de dois-pontos. Já no discurso indireto, o narrador incorpora a sua voz à fala ou ao pensamento da personagem. Há, novamente, a presença do verbo de elocução e esses verbos constituem o núcleo do predicado da oração principal, cujo complemento é representado por orações encaixadas, introduzidas por conectivos. Assim, ele fará as transformações necessárias típicas nos discursos indiretos, estudadas anteriormente. Então ele ficará assim: O caçador se aproximou, desmontou, cumprimentou o camponês e disse que tinha se perdido pela montanha e que estava procurando o caminho que levava à cidade de Gondar. Ao final da correção, podemos enfatizar a mudança de pronome e tempo verbal.

*Habilidade trabalhada: Identificar o uso dos discursos direto e indireto.*

## **PRODUÇÃO TEXTUAL**

### **QUESTÃO 7**

O Texto Gerador 1 conta a história de personagens num dia de escola. No trecho apresentado, temos a apresentação dos personagens, o tempo, o espaço, o conflito e o clímax, porém não encontramos o seu desfecho. O seu trabalho agora será elaborar a continuação desta história, contando o que aconteceu depois do momento de tensão, onde um dos personagens revelaria um segredo. Na sequência, você contará qual é este segredo e o que aconteceu depois dele ter sido revelado, não se esqueça de dar um desfecho para sua história. Vamos lá use a sua imaginação!

### **RESPOSTA COMENTADA**

Na composição do seu texto, o aluno deverá estar atento à estrutura do gênero estudado. Os elementos da narrativa já estarão expostos, só faltando assim o desenvolvimento e a continuação do clímax e o mais importante, o seu desfecho, tomando cuidado para que ele não fique desconexo. É importante que esta continuação contenha coesão e coerência. Ele deverá verificar se o registro e as variantes linguísticas estão adequadas à situação de produção do texto escrito. Também é importante observar se a pontuação, a ortografia, a colocação pronominal, a sintaxe de concordância e a regência estão adequadas. Por último, seu texto deverá ser criativo e original.

*Habilidade trabalhada: Planejar e produzir um texto narrativo com base nos gêneros estudados.*

Os textos foram retirados dos sites acima já anteriormente mencionados.

### **BIBLIOGRAFIA**

[www.dominipublico.gov.br](http://www.dominipublico.gov.br)

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)